

## PASSADO IMEMORIAL E NÃO-INTENCIONALIDADE: UM ESTUDO A PARTIR DO TEMPO DE HUSSERL E LEVINAS

TIMELESS PAST AND NO INTENTIONALITY:  
A STUDY FROM THE TIME OF HUSSERL AND LEVINAS

Silvestre Grzibowski<sup>1</sup>

### Resumo

O escopo deste estudo é mostrar a constituição de uma das teses fundamentais do pensamento levinasiano, a questão da *não intencionalidade*. Para isso, seguirei a tese proposta por Levinas, a qual buscarei sustentar neste estudo a não intencionalidade constituída a partir do tempo. Husserl organiza consciência a partir do tempo. E Levinas sendo seu seguidor trás para o seu adágio a questão do tempo. Esse argumento perpassa praticamente todo o seu pensamento. No entanto, nesta ocasião não farei uma reconstrução histórica desvendando as fases do seu trajeto filosófico, mas estarei focado, sobretudo nos últimos escritos de Levinas, de modo especial na obra *d'Autrement qu'être*. Nesse período, encontramos um pensamento mais contundente, trabalhado e afirmativo sobre a não intencionalidade que levará vários nomes, como por exemplo, o *Dizer*.

**Palavras-chave:** passado imemorial, não intencionalidade, tempo, Husserl e Levinas.

### Abstract

The scope of this study is to show the establishment of one of the fundamental theses of levinasiano thought, the question of intentionality. To do this, I will follow the thesis suggested by Levinas, which I will seek support in this study not intentionality constituted from time. Husserl organizes awareness from the time. And Levinas being your follower back to his adage to question time. This argument runs through virtually all of your thinking. However, on this occasion I will not a historical reconstruction rebuy stages of their philosophical path, but will be focused, above all in the last writings of Levinas, especially in the work of *Autrement qu'être*. During this period, we find a more incisive thought, worked and so on non-intentionality that will take several names, as for example, the Say.

**Keywords:** timeless past, no intentionality, time, Husserl and Levinas.

### Introdução

Obviamente que para discorrer sobre a não intencionalidade dever-se-ia antes de tudo abordar aqui a noção de intencionalidade pensada por Husserl, isso porque Levinas sendo seu discípulo em nenhum momento a abandona e afirma em diversos momentos que ela está na origem dos seus escritos<sup>2</sup>. Sendo assim, o leitor levinasiano percebe que

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidad Pontificia de Salamanca – Espanha e professor de Filosofia da graduação e PPG na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: [silboski@yahoo.com.br](mailto:silboski@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Neste estudo não irei discutir se Levinas é ou não fenomenólogo, tema que já foi já abundantemente pesquisado, aqui, cito apenas um que ao meu ver expressa o pensamento de muitos, inclusive o meu. “Levinas não é reconhecido como fenomenólogo por quem rejeita considerar que o “desvio pelo Infinito”- em sua própria radicalidade e originalidade – possa reconduzir, em certo sentido, para a fenomenolidade. Essa recusa consiste em deixar de acompanhar o rigor do gesto levinasiano até o fim, em assustar-se com a radicalidade de sua abertura ao – e, sobretudo, pelo – Infinito, interpretando-a como uma simples ida para uma saída definitiva da fenomenologia em direção a um céu teológico qualquer” (SEBBAH, 2009, p. 125).

um dos temas mais destacados e examinados foi sem dúvida nenhuma, à tese de Brentano e conservado por Husserl – *a intencionalidade* -. Levinas pronunciará que partindo da intencionalidade, a consciência é entendida como modalidade do voluntário. A palavra intenção o sugere e assim justifica a apelação de atos conferida as unidades da consciência intencional. Para ele a estrutura intencional da consciência se caracteriza pela representação, tal estrutura constituiria a base de toda consciência teórica e não-teórica. Eis a grande questão que intrigava demasiadamente Levinas; a afirmação da filosofia ocidental que nada escapa da consciência teórica, até mesmo a consciência não teórica ou a que ele chamará de anterioridade, pré-reflexiva é conglomerada pela consciência.

Essa significa presença, posição-ante-si, quer dizer, mundanidade, o fato de ser-dado. Exposição à captação, à presença, à compreensão, à apropriação. No entanto, o nosso autora nomeará a noção de um presente que excede o agora da consciência e remite em última instância a questão da originalidade do presente (LEVINAS, 1995, p. 272). A origem ou o “ponto zero” de toda consciência da duração de um objeto o encontra na fenomenologia husserliana na noção de impressão originária (Urimpression). Assim, definitivamente Levinas remonta uma camada ainda mais profunda. Esta consciência não intencional ou pré-consciência em que se situa a Urimpression, mas que excede a presença.

Como já havia mencionado no início, a pretensão deste estudo é mostrar e defender como Levinas a partir da não intencionalidade contrapõe ao argumento da teoria ocidental, como a ontologia, a fenomenologia e, sobretudo o idealismo que num esforço de superar o dualismo entre o Ser e Pensar fez coincidir substância e sujeito e coincidir sujeito e consciência. Levinas examina criticamente essas teorias e vê nelas uma idealização da razão, caminho que extrapola a subjetividade, para isso ele propõe pré-original/anterioridade (*Dizer*) que vai além da consciência e de seus jogos lingüísticos e semânticos, sem recair em uma nova consciência (intencionalidade). No entanto, não partirá da consciência, mas da sensibilidade não como saber, mas como proximidade.

Assim, Levinas utilizará várias categorias para descrever esta consciência não intencional, mas todas estão profundamente ligadas com a questão do tempo. Por exemplo, ele destituirá a autonomia do sujeito Eu e falará do Se, assim passará do nominativo ao acusativo. O Se antes de se fundar consciência e eu, está no vestígio, pré-

origem e uma vez reduzido à sua unicidade original antes do eu, é capaz de recorrer ao infinito para além ou aquém de si. E ainda para ilustrar, utiliza o temor recorrência. Quando descreve a recorrência utiliza termos como exílio, não-lugar, incondição, fora do ser, expulsão para do ser. Recorrência – sujeito como a insônia quer desesperadamente dormir ou o doente deseja ser curado, aliviado de sua enfermidade, mas sem a possibilidade de saída, sem possibilidade de sonho ou de saúde (FABRI, 2003, p. ). Em resumo, o Si mesmo não tem, ou não existe possibilidades para sair por sua própria iniciativa. Porque ele (si mesmo) não tem saído por sua própria iniciativa. O sujeito (subjetividade) nasce aí, anterior a qualquer ação do eu, ou a qualquer tomada de posição, conhecida e muito mencionada por Levinas como passividade; passividade que é prévia a qualquer tensão entre a tensão atividade e passividade, passividade da passividade, passividade absoluta. E a recorrência é “mais passado que qualquer passado que se possa converter em presente” (LEVINAS, 2002, p. 171). Então, o que é este passado, imemorial? Como Levinas o apresenta?

### **1. Passado imemorial**

Para iniciar e justificar este estudo (ponto) menciono Levinas que diz: “falar de consciência é falar do tempo” (2002, p. 80). A partir do estudo *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, o nosso autor procura intensivamente nos seus escritos remontar uma camada mais profunda. Isso significa num primeiro momento que ele aprecia positivamente e considera essa teoria, porém parece que no segundo momento o seu pensamento tenta justificar a seguinte proposição, se a consciência não intencional é a origem do eu (moi) fenomenológico (da reflexão) e que coloca a questão da relação entre a proto-impressão e a consciência não intencional. No entender de Levinas as duas são uma consciência que não é intenção, porém o não intencional levinasiano se diferencia talvez do não intencional de Husserl.

Para ele esta consciência não intencional (pré-intencional), a princípio, se situa na *Ur-impression*. Ou seja, a origem do “ponto zero” de toda a consciência da duração de um objeto, Husserl o encontra na impressão originária, na primeira impressão – *Ur-impression* -. “O ‘ponto-fonte’, com que se inicia a produção do objeto duradouro, é uma proto-impressão” (HUSSERL, 2001, P. 62). A impressão originária constitui o agora “primeiro de tudo, sublinhamos que os modos do decurso de um objeto temporal

imaneente tem um começo, um ponto-fonte. Ele é aquele modo de decurso com o qual o objeto imaneente começa a ser” (HUSSERL, 2001, 60). A partir do qual, por um lado se desprendem baixo as espécies de retenção e rememoração e de outro lado da protensão onde os horizontes de passado e de futuro se desprendem de cada impressão. Por impressão originária terá que se entender por sentir-se afetada a consciência por uma sensação, como Husserl cita o exemplo do som que se está dando agora<sup>3</sup>. A impressão originária é a recepção passiva de um conteúdo imaneente de sensação que aparece a consciência e introduz nela o novo e o originário.

Levinas reconhece a busca incessante de Husserl para fundamentar a partir da proto-impressão a origem para tudo. Em todo caso para ele é falar do tempo recuperável, porque Husserl não se desprende da consciência.

Em um nível que Husserl é original, a temporalidade comporta uma consciência que nem sequer é intencional em sentido específico da retenção. A Ur-Impression, a impressão originária ou proto-impressão, apesar do recobrimento perfeito que se dá nela entre o percebido e a percepção (que deveria não deixar passar a luz), apesar de uma estreita contemporaneidade que é a presença do presente, apesar do não-modificado absoluto, fonte e original de todo ser e toda consciência ulterior (este hoje sem ontem nem amanhã), a proto-impressão não (*ne s'imprime* pourtant pas sans conscience) **se *imprime* apesar de tudo sem consciência**” (LEVINAS, 2002, p. 80-81. Grifo do autor).

Sobre esta citação Levinas que ao meu ver é fundamental porque Levinas apresenta já o seu parecer sobre a proto-impressão husserlina, ele ainda abre uma nota e reenvia o leitor para as Lições, para uma fenomenologia da consciência interna do tempo, especificamente para o apêndice IX onde Husserl diz o seguinte: “a fase inicial apenas se pode tornar objeto depois de ter decorrido, do modo indicado, por meio da retenção e da reflexão (ou reprodução)” (2001, p. 144). Assim, existiria fase inicial sem a retenção? O argumento levinasiano procura mostrar que apesar do grande esforço de Husserl ainda permaneceu no tempo recuperável.

Claro que Levinas se interessa pela vivência da consciência husserliana, no sentido em que o importante é que, “longe de um ser substância estável e igual a si, ela é habitada por uma defasagem interna originária, por um surgimento originário que

---

<sup>3</sup> ‘O ‘ponto-fonte’, com que se inicia a produção do objeto duradouro, é uma proto-impressão. Esta consciência está envolvida numa permanente mutação: o som-agora, presente em carne e osso, muda-se constantemente (na consciência) em um ‘ter sido’; constantemente um som-agora sempre novo substitui o que passou na modificação. Mas quando a consciência do som-agora, a proto-impressão, passa a retenção, esta própria retenção é outra vez um agora, existente atual. Enquanto ela própria é atual (mas não som atual), é retenção do som que foi” (HUSSERL, 2001, p. 62).

Husserl designa impressão originária” (SEBBAH, 2009, p. 130). No entanto, Husserl esclarece que a impressão originária não é o inconsciente. “Precisamente, falar de um conteúdo ‘inconsciente’, que só posteriormente se tornaria consciência, é um absurdo” (2001, p. 144).

Assim, no entender de Husserl o homem é sempre consciente. E ainda, Murakami lendo Husserl dirá que a consciência originária não é objetivante.

Tal como a retenção tem consciência de antecedente sem a tornar objeto, assim o protodado está já consciente –e, certamente, sob forma peculiar do ‘agora’ – sem ser objetivo. É precisamente esta protoconsciência que se converte em modificação retencional [...]: se ela não estivesse disponível, nenhuma retenção seria concebível; a retenção de um conteúdo inconsciente é impossível (2001, p. 144).

## 2. O padecimento originário e não intencionalidade

Acima, havia dito que a consciência intencional não pode jamais apreender o instante do presente, agora pergunto se é a consciência que gera o presente e o tempo a partir da *Ur-impression* ou o contrário, uma compreensão radical da noção husserliana de *Ur-impression* não nos conduz antes a pensar o contrário, a saber: que é a consciência que se há afetada ou padece do renovar-se do presente como constante passo de um tempo que a excede, e a ex-cedência se manifesta precisamente no imprevisível de cada sensação originária. Garrido defende a teoria, o que parece plausível, de que o padecimento originário que provoca no sujeito ou modo em que vai afetando cada presente de maneira sempre renovada ao outro, a respeito dele seria o índice de que se o presente não é gerado pelo sujeito, senão que é sempre presente que lhe passa ao sujeito (GARRIDO, 2003, p. 91). Em outras palavras, o presente em constante transcurso não seria gerado pela consciência e que teria sua última origem no padecimento de estar em transformação em tudo o que se é.

Exatamente, segundo Husserl a impressão originária que se gera espontaneamente e que a consciência não pode impedir. O fenomenólogo ao dizer impressão originária menciona sempre o absoluto desta série infinitamente prolongável de retenções e protensões. “A proto-impressão é o começo absoluto desta produção, a fonte primitiva a partir da qual todo o resto se produz constantemente” (HUSSERL 2001, p. 124). Portanto, a fonte originária é tudo, dela tudo nasce. No entanto, Husserl quando chama impressão originária “começo absoluto” de toda modificação que se

produz como o tempo, a fonte originária ela mesma não é produzida. “Ela própria não é produzida, ela não nasce como produzida, mas através de uma *Genesis spontanea*, ela é protoprodução. Ela não se forma (não tem nenhum germen), é protocriação<sup>4</sup>” (2001, p. 124. Grifo do autor). Isso seria o modo pelo qual a ela se revela o tempo como o constante estar em transcurso do mundo, “como processo outro do sujeito, mas que penetra nele tanto quanto mundano e o transpassa” (GARRIDO, 2003, p. 91). Para Levinas

“A Ur-impression é pela sua parte enchida mais além de toda previsão, de toda espera, de todo germen e de toda continuidade, e, em consequência, é toda passividade, receptividade de outro penetrando no mesmo, vida e no pensamento” (LEVINAS, s/d, p. 216).

Não há dúvidas de que Levinas utiliza o método fenomenológico, no entanto, nota-se um transbordamento ou uma meta-fenomenologia com a finalidade de destacar o sentido originário da Ur-impression.

Como Ur-impression, como proto-presente da vida e não do pensar, ela é o modo em que se padece o outro que transcorre mais além de mim e que nesse transcorrer eu que sou corpo vivente estou sempre em contato com o outro, que me afeta e me toca. Desse modo, Levinas ao expor o pensamento de Husserl dirá que o tempo, impressão sensível se conjugam.

Na vivência originária do tempo que se dá a fluência do tempo na imanência do eu, a consciência é concebida como sendo intencional, como tendo um correlativo, sendo a intencionalidade específica da consciência o próprio tempo. Em síntese, afirma Levinas. “O tempo da sensibilidade em Husserl é o tempo recuperável” (LEVINAS, 2002, p. 82).

E que a não intencionalidade da proto-impressão “não seja perda da consciência, que nada pode suceder ao ser clandestinamente” (LEVINAS, 2002, 82) e que nada pode *des-trilhar* (sair do trilho) o fio da consciência ou que é conduzido pela consciência. Esse modo de compreender o tempo, para Levinas exclui do tempo à diacronia irreduzível.

O tempo da filosofia ocidental é concebido como presente porque mesmo a dispersão no tempo é sempre recuperável pelo presente pela consciência. É sempre uma diacronia redutível à sincronia. Por isso, o nosso autor se pergunta se esta temporalidade

---

<sup>4</sup>Na versão de Levinas encontramos “é criação originária” (2002, p. 81).

vai para lá da essência proposta pela ontologia e se a subjetividade pode ser compreendida a partir da fenomenologia-ontologia.

### **Considerações finais**

O leitor levinasiano sabe que Levinas busca arquitetar o seu pensamento num passado remoto, antigo, porém a tese central é que este passado remoto antigo, jamais poderá ser fundado na consciência. Por isso que ele chama de passado imemorial, um passado que não pode ser trazido a partir da retenção para o presente “agora”. Um passado que não pode ser recuperado pela consciência, não é presença é ex-cedência. No entanto, Levinas parte da fenomenologia do tempo de Husserl, porém a grande contraposição que ele fará ao pensamento husserliano será justamente sobre a recuperação do tempo pela consciência.

A novidade levinasiana consistirá exatamente neste transbordamento da fenomenologia, talvez será uma trans-fenomenologia no sentido de que segue sendo fenomenólogo, mas indo um pouco além da fenomenologia proposta pelo grande mestre – Edmund Husserl-. Neste sentido, a inovação será o *rastro – la trace* – do outro que se aproxima diante do sujeito, chega diante de mim. Para isso, Levinas argumentará utilizando, sobretudo a terceira e a quinta *Meditação Cartesiana*, onde o pensador Francês René Descartes apresenta a Ideia do Infinito. O outro, o totalmente outro se aproxima diante de *moi*, e o *moi* não exerce nenhuma atividade cognoscitiva, pensante ou consciente. Simplesmente, o outro vem à ideia e eu não posso retê-lo, ele escapa a toda idealização e apreensão.

Por isso, a categoria do tempo não recuperável ou o tempo diacrônico para Levinas é essencial. O outro não tem um começo, uma origem na consciência do sujeito pensante cartesiano. O outro é mais antigo que uma consciência pode captá-lo e desvendá-lo trazendo a luz todo o mistério infinito do outro. O outro não tem origem, portanto, é pré-original.

### **Referências**

FABRI, Marcelo (org.). *Éticas em diálogo*. Levinas e o pensamento contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Trad. Pedro M. S. Alves. Imprensa nacional-casa da moeda, série universitária (Clássicos de filosofia).

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma fenomenologia fenomenológica*. Trad. Marcio Suzuki. Aparecida: Editora Idéias & Letras, 2006.

LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Den Haag : M. Nijhoff, 1974. *De otro modo que ser o más allá de la esencia* traducción e introducción de Antonio Pintor Ramos. Salamanca: Sígueme, 2003.

\_\_\_\_\_. *De l'Existence à l'Existent*. Paris: Librairie Philosophique Vrin, 1993.

\_\_\_\_\_. *De Dieu que vient à l'Idée*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin, 1982. **De Dios que viene a la Idea** traducción de Graciano González R. Arnáiz y Jesús M. Ayuso Díez. Madrid: Caparrós, 1995.

\_\_\_\_\_. *Dieu, la mort et le temps*. Paris: Bernard Grasset, 1993. *Dios, la muerte y el tiempo* traducción de María Luisa Rodríguez Tapia. Madrid: Cátedra, 1993.

\_\_\_\_\_. *En Découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*. Paris : Vrin, 1994. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger* tradução de Fernanda Oliveira Lisboa: Instituto Piaget, S/d.

\_\_\_\_\_. *Éthique et infini*. Paris: Fayard, 1982. *Ética e infinito* traducción, presentación y notas de José M. Ayuso Díez. Madrid: Visor, 1991.

\_\_\_\_\_. *Humanisme de l'autre homme*. Paris : Fata Morgana, 1972. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité*. Den Haag: M. Nijhoff, 1961. *Totalidad e infinito. Ensayo sobre la exterioridad* traducción e introducción de Daniel E. Guillot (Salamanca: Sígueme, 2006).

MURAKAMI, Yasuhiko. *Lévinas phénoménologue*. Jérôme Millon, 2002.

SEBBAH, François David. *Lévinas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

Recebido em 25/12/2012  
Aceito em 30/12/2012